

Separata

Francisco Henriques e João Carlos Caninas

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER E DO
HOMEM NA POESIA POPULAR DO SUL
DA BEIRA INTERIOR**

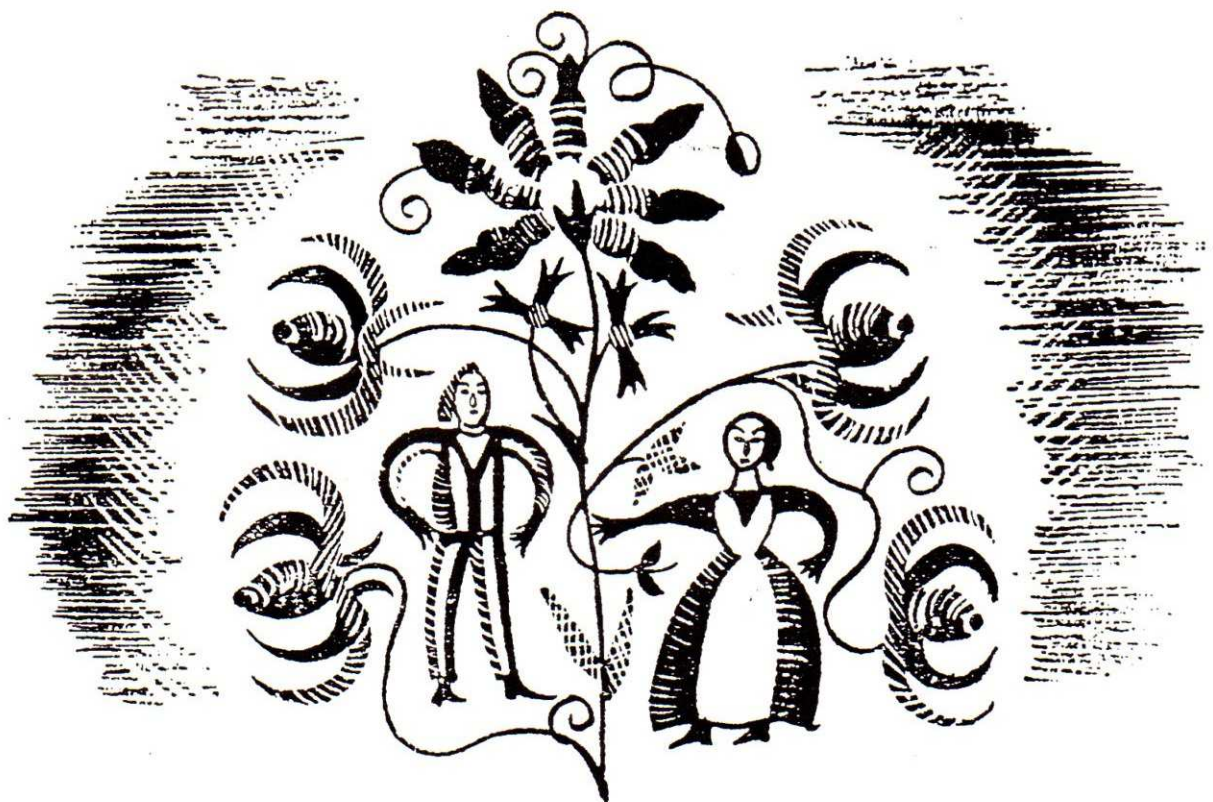


I B N M A R U Á N

Revista Cultural do Concelho de Marvão
n.º 5 — Dezembro de 1995

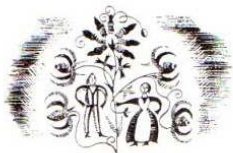
A REPRESENTAÇÃO DA MULHER E DO HOMEM NA POESIA POPULAR DO SUL DA BEIRA INTERIOR

Francisco Henriques e João Carlos Caninas



Desenho de um motivo bordado numa Colcha de Castelo Branco, extraído da página 161 do vol. VIII da Etnografia da Beira da autoria de Jaime Lopes Dias.

INTRODUÇÃO



Abordar a temática mulher/homem, sob qualquer perspectiva, é abordar a contradição central da vida social. É sobre esta contradição/complementaridade que o presente trabalho se desenvolverá e, mais especificamente, na representação do corpo e das atitudes perante a vida em grupo.

De todas as estrofes poéticas as quadras populares são as composições que melhor visão dão da mulher e do homem do Sul da Beira Interior. Provavelmente pelo prazer e facilidade da sua construção, pela sua estrutura fluida, pela sua vulgarização e pelo facto de muitas terem aqui sido feitas, não excluindo, entretanto, uma percentagem de estrofes importadas de outras áreas.

As quadras populares são geralmente muito expressivas e com uma temática que abarca toda a vida social. As estrofes mais longas são muitas vezes alusivas a uma só pessoa ou situação perdendo, por isso, a versatilidade típica da quadra. Frequentemente uma mesma quadra popular pode ter género ora masculino ora feminino.

Algumas das principais características e funções da poesia popular do Sul da Beira foram já identificadas no nosso trabalho sobre *Poesia Popular dos Cortelhões e dos Plingacheiros* [18] e não cabe, no âmbito deste trabalho, voltar a referi-las.

Porquê realizar um trabalho sobre uma área geográfica tão específica? Por várias razões. Pelo forte elo afectivo que nos liga à região. Pelo conhecimento multifacetado que dela vamos possuindo. E, finalmente, por

termos realizado, há alguns anos, um trabalho de recolha de poesia popular que deu origem à colectânea mencionada [18].

Inicialmente este trabalho foi pensado para ter como fontes a poesia e os contos populares. Mas esta possibilidade alargaria muitíssimo o âmbito da pesquisa e complicaria, conseqüentemente, a rede de relações a estabelecer. Quedámo-nos pela análise da poesia. cremos também, por várias razões¹, que a poesia popular, na sua globalidade, consegue ser mais ilustrativa da representação da mulher e do homem desta área que qualquer outra forma de literatura popular.

Tínhamos previsto apenas pesquisar material poético recolhido nos concelhos de Vila Velha de Ródão e Proença-a-Nova. Receámos, entretanto, que a mostra não fosse suficientemente significativa. Alargámos, por isso, a área geográfica da pesquisa aos extensos concelhos de Castelo Branco e Idanha-a-Nova.

A poesia é intemporal. A poesia popular não é excepção. Tentar enquadrá-la ao longo do tempo foi-nos impossível, embora possamos referir a existência de manifestações que vão dos finais da Idade Média (alguns romances) à actualidade.

Quando iniciámos este trabalho não tínhamos ideia do tipo, da qualidade, da quantidade e dos resultados que iríamos obter. Partimos como que à descoberta, explorando ou refutando pistas conforme as opções tomadas, e o trabalho foi-se estruturando com o avançar da pesquisa. Tentámos, deste modo, conhecer um pouco melhor a mulher e o homem do Sul da Beira Interior, através da sua obra poética.

Para este trabalho foi utilizado um vasto conjunto de monografias locais e regionais de que daremos conta na bibliografia.

Relembramos o facto de muitas das monografias locais não registarem a literatura oral. O trabalho, terminado em Junho de 1992, não pode utilizar a importante informação etnográfica contida na obra *Gentes da Beira - Aspectos Etnográficos do Concelho de Proença-a-Nova* de M. Assunção Vilhena, apenas editado em Junho de 1995.

Foram observadas mais de três mil estrofes poéticas, o que corresponde a mais de quinze mil versos.

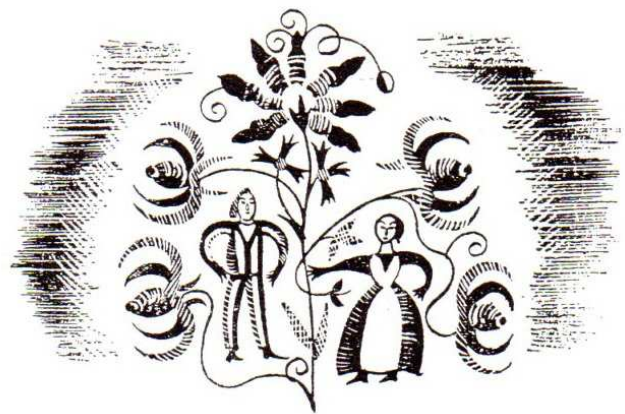
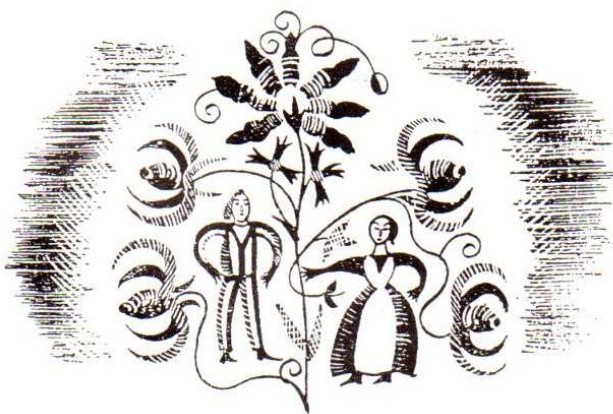
Os quatro concelhos cujo material poético analisámos estão hoje numa fase de mutação acelerada. Em todos eles se tem assistido a uma diminuição acentuada da população e os índices de envelhecimento não param, infelizmente, de aumentar. Há já lugares abandonados. Nas aldeias, da quase totalidade desta região, quase não se vê gente nova. São só velhos revestidos a pano escuro. A escola fechou, a loja fechou, as estruturas de apoio social encerraram as portas e mudaram-se. É um panorama desolador.

Castelo Branco é o único pólo de crescimento da região. Na última década e

meia a cidade cresceu. Cresceu muitíssimo. À custa do sangue jovem que deixou as aldeias. Assiste-se hoje a uma concentração de meios na cidade, provocando já uma macrocefalia regional. Assim, algumas das características que iremos encontrar nestas gentes podem já não se observar ou, quando muito, estarem atenuadas.

A passagem do mundo rural para o mundo industrial e de serviços e a importância que a escola e os meios de comunicação social (rádio, TV) têm vindo a exercer acabaram, quase por completo, por apagar as diferenças entre comunidades. Na cidade, por sua vez, assiste-se já a fenómenos de psicopatologia característicos do desenraizamento cultural das populações.

Nas páginas seguintes iremos apresentar alguns aspectos relativos à representação da mulher e do homem desta região. É óbvio que não os esgotámos. Muitos outros poderiam ser explorados porque pela poesia, como dissemos na *Poesia Popular dos Cortelhões e dos Plingacheiros*, trespassa toda uma vida e uma vivência social. A poesia popular é uma fonte inesgotável de informação.



ALGUNS ASPECTOS FÍSICOS

ALTURA

Em relação à altura física, das mulheres e dos homens desta região, há uma preferência especial pela estatura baixa [8:244][12:251][18:47,83,133][23:210,212]. Vejamos a quadra seguinte que sintetiza muito bem o ideal de mulher no sul da Beira Interior e não só do ponto de vista físico.

Eu nasci na Beira
Sou mulher pequena
Sou como o granito
Bem rija e morena.

Do ponto de vista qualitativo a mulher baixa é denominada de engraçada [18:133]. Encontrámos apenas uma quadra onde o homem pequeno é desdenhado, com o epíteto de macaquito [12:251]. Em relação ao homem alto fala-se em o mandar serrar [23:212] e denominam-no de espanta pardais [23:212].

COR DA PELE

Das quadras relativas à cor da pele treze referem-se ao sexo feminino e apenas uma ao sexo masculino. Das catorze estrofes mencionadas somente uma faz a apologia da pele branca. As restantes são apologéticas de uma pele morena que, na poesia, aparece com os termos corada, trigueira e preta. A cor branca da tez não se enquadra no ideal de beleza [8:43,44][18:21,24,34,38,41], por contraste com a cor morena. A cor branca é associada ao leite, à cebola, ao desconsolo e mesmo ao desprezo. A cor morena surge associada à beleza e ao sentimento de

cobiça e posse que de imediato desperta [4:199][8:43,44,59,63][18:21,34,38].

A gente do sul da Beira é, maioritariamente, de pele morena devido a factores genéticos e profissionais (trabalho no campo), entre outros; há mesmo alguns etnónimos que caracterizam esta situação: *tchamuscados* (os naturais do Rosmaninhal), *esturrédos* (os naturais de Alcafozes), *barrentos* (os naturais de Salvador).

A cor branca da pele (palidez) poderia ser sintoma de doença numa altura em que a tuberculose era endémica e as carências alimentares (havia agregados familiares subnutridos) se manifestavam na cor pálida da pele. Por contraste, a cor trigueira era testemunho de saúde e de alimentação suficiente.

CABELO

O cabelo, feminino e masculino, revela-se na poesia popular como um elemento estético relativamente importante. Das sete estrofes encontradas três dizem respeito à mulher, duas referem-se ao homem, e as duas restantes são neutras.

O cabelo dos homens era curto e idealmente às ondas [18:33]. O cabelo da mulher deveria ser sempre comprido, preferencialmente entrançado, em noco ou a cair pelas costas. Era costume as mulheres não mais cortarem o cabelo após entrarem na adolescência [6:35][11:41][18:34].

Como o cabelo não é um elemento de fácil degradação cortava-se, com frequência, uma madeixa a quem morria para a fazer perdurar na memória. Neste sentido, veja-se a quadra seguinte:

Se passares pelo adro
No dia do meu enterro
Pede à terra que não coma
As tranças ao meu cabelo [18:34].

OLHOS

Os olhos² surgem como elementos de referência primordial na poesia popular. Porque, para além da função de ver, do embelezamento do rosto, são também importantes veículos de transmissão de mensagens e de sentimentos:

Ó meu amor se tu sabes
O namorar dos caminhos
É passar e não falar
E aos olhos dar um jeitinho [18:28].

Na poesia, os olhos raramente especificam um ou outro sexo, excepto em quatro situações (duas femininas e duas masculinas) de entre as vinte e quatro estrofes seleccionadas. Em relação à cor, os olhos com maior número de referências são os preto-escuro-acastanhados, com oito menções, seguidos pelos verde-azulados, com quatro menções.

Qualitativamente associam-se aos olhos preto-acastanhados os atributos leal, verdadeiro, fogo, ardor, com uma única referência negativa, de falsos. Por sua vez os olhos azul-esverdeados são considerados desleais, perjuros, ciumentos, inconstantes e lisonjeiros. Frequentemente, numa mesma quadra, surgem referências a olhos escuros e a olhos esverdeados enaltecendo os primeiros e desabonando os segundos. Algumas vezes, os olhos aparecem adjectivados de confeitos, de luz e de cadeia.

Pelo que observámos os olhos escuros são os que possuem maior número de

referências e são também, do ponto de vista social, qualitativamente superiores.

OUTROS ASPECTOS FÍSICOS

Foi observado um vasto conjunto de quadras onde são postos em realce outros aspectos físicos da mulher e do homem, ainda que, pelo escasso número das menções, não mereçam atenção cuidada, salvo os pés, que se desejam pequenos na mulher (aliás, como a mulher no seu todo, como já tivemos oportunidade de verificar; a mulher quer-se pequenina como a sardinha), as mamas [18:30,44], e repare-se na beleza e suave erotismo da quadra seguinte:

As garrafinhas dos seios
É o que mais vos dá graça
Parecem dois ramos de oiro
Onde o olhar se embaraça [6:36]

e o coração [18:44], que surge referenciado não pela sua função de bombeamento do fluxo sanguíneo mas como reservatório dos sentimentos amorosos e da saudade. Quase que poderíamos dizer que o peito/coração surge como sinónimo de amor/saudade. Um coração pequeno aparece sempre ligado a sentimentos de bondade. Inversamente, um indivíduo cruel e desumano tem sempre um "grande coração", ou então, "um coração maior que as Portas" (Portas de Ródão em Vila Velha de Ródão) ou ainda, "maior que as campinas da Idanha".

ALGUNS ASPECTOS PSICO-SOCIAIS

"Predomina nas quadras soltas a relação homem / mulher enquanto adultos jovens mesmo que nem sempre sejam os mais jovens os seus autores" [18:18].

No relacionamento com o outro sexo era pressuposto o rapaz ter várias raparigas com quem namorava simultaneamente [18:27,30,32,43,45],

Todo o rapaz que não tem
Quatro ou cinco raparigas
Não é rapaz nem é nada
Chamam-lhe o mata formigas (inérito).

No entanto o rapaz não vê com bons olhos as raparigas que falam a todos os rapazes, isto é, que namoram simultaneamente com vários rapazes ou que já tivessem namorado [8:33][18:21,34]. Mas uma coisa é o que os rapazes gostam e outra o que as raparigas, também elas solteiras, querem. Quanto a isso, os desejos não se ficam aquém dos manifestados pelos rapazes. Assim, é prática comum também as raparigas manterem vários namorados em simultâneo [4:200][18:42]. Perante isto podemos falar em labilidade afectiva de mulheres e de homens, bem patente, por exemplo, nas seguintes quadras:

Ó meu amor dá-me um sim
Senão dá-me um desengano
Que eu quero desenganar
Outros amores que eu amo [18:42]

A maçã do acepreste
É doce e a casca amarga
É com'ò amor dos homes
Tan' pega como larga [4:192].

Em ambos os sexos elogia-se a liberdade, do rapaz e da rapariga, enquanto solteiros [4:197][18:23]. A mãe assume um papel restritivo da liberdade da rapariga [4:194], enquanto o pai surge como uma figura neutra no processo educativo-restritor [4:194].

O assédio de um a outro sexo tem sido uma característica comum ao longo do tempo e dos lugares. Nesta região, e segundo o número de quadras, predomina, de modo directo ou indirecto, o assédio da rapariga sobre o rapaz [4:194][17:163] [18:37,98] comparativamente com a relação inversa [18:29]. Este novo elemento, numa análise embora superficial, parece contradizer a convicção que tínhamos de ser o homem o principal assediador. Por outro lado não tínhamos explicação para a inversão de valores surgida após o casamento no qual o homem surge, quase sempre, como figura secundária [13:13:71,72]. A condução do namoro pelo homem parece fazer-se apenas numa segunda fase, ou seja, após o consentimento da mulher. A rapariga chega a criticar a mãe por não a ensinar a namorar, ainda que lhe ensine tudo o resto.

O prazer máximo de um rapaz ainda hoje não se alterou muito para além do expresso na quadra seguinte:

Quatro castanhas assadas
Quatro pingas de água-pé
Quatro beijos de uma moça
Fazem um rapaz andar em pé [18:47].

Barriga cheia, um pouco de álcool para desinibir a mente e uma mulher para desfrutar é o êxtase. É o prazer terreno supremo.

Honra e virgindade aparecem nesta poesia popular como sinónimos. Ainda que

honra, na sociedade em questão, possua um conceito muito mais abrangente.

É imprescindível ser-se rapariga ou mulher honrada. A falta de honra pode levar ao ostracismo ou mesmo a um auto-isolamento. Veja-se, por exemplo, a atitude da mulher na parte final do romance da Bela Infanta [10:38,39]. É difícil uma rapariga desonrada casar-se com outro homem que não aquele que a desonrou. Para evitar a desonra previnem-se as raparigas dos perigos que correm e, nesse sentido, não podem dar muita confiança aos rapazes [18:23] e muito menos brincar (no sentido mais lato do termo) com eles [18:42].

Pela facilidade com que a honra se perde compara-se esta com o vidro [4:196]. Tal como o vidro a sua quebra é fácil e irreversível. Para defesa da honra a mulher deixa-se matar [11:61,62] e chega a matar [18:117].

Quando a mulher é desonrada e o autor da façanha não casa consigo, diz-se enganada. E é curioso verificar que em nenhuma das composições analisadas existe uma crítica à mulher pelo facto de se deixar enganar. A mulher surge sempre como inocente e vítima. Os culpados são sempre os homens [17:136,137].

O casamento era, e é, um marco fulcral na vida das raparigas e dos rapazes desta região mesmo que, pouco tempo depois, surjam as primeiras críticas e os primeiros problemas pelo passo dado [4:197] [7:156]. O homem queixa-se da difícil função de governar mulher e filhos [4:196], principalmente, quando esta é de grandes exigências. Os queixumes da mulher em relação ao casamento calam muito mais fundo que os dos homens. As mulheres fazem contrastar a qualidade da sua vida de criança, com laços e fitas, com a presente

situação de casadas, com filhos nos braços e lágrimas nos olhos [18:39],

Quando eu era pequenina
Usava fitas e laços
Agora que estou casada
Uso os meus filhos nos braços [18:39].

Contudo, é permanente o desejo de uma mãe ver a filha casada [4:197]. Porém, a mulher é incentivada, de várias formas, a continuar solteira [18:31], embora este estado tenha também os seus enganos,

Casada nunca eu fora
Solteira trinta mil anos
Casada cheia de filhos
Solteira cheia de enganos [18:37].

A mulher casada lamenta-se da sua desgraça, de estar cheia de filhos [18:37,39], da vida que a leva ao pranto [14:245], de um homem que nada tem de seu [4:197] e, assim, promete vingança a quem lhe fez tão infeliz casamento [4:197]. Por tudo isto deseja retornar à vida de solteira [4:197].

É pois natural que a mulher não esqueça e que inveje todos os atractivos da sua vida de solteira quando agora, casada, com problemas financeiros, falta de liberdade, marido bruto e com uma mão cheia de filhos a puxarem-lhe pela saia, chora o seu triste fado. Mas não deixaria de chorar se tivesse ficado solteira,

A maçã do acipreste
De verde não amadura
Triste de quem não tem homem
Pobre de quem o atura [14:243].

O homem casado surge como vítima e um tanto ou quanto boçal.

Em relação à violência³, num vasto conjunto de textos, o homem surge como um ser cruel, mesmo assassino. As vítimas, mencionadas na poesia popular, são na sua quase totalidade mulheres e crianças. Mulheres com as quais não parece haver qualquer tipo de relação anterior [11:53,54,61,62]. A morte da vítima, quando surge, parece ser provocada pela recusa da auto-entrega ao homem/raptor. Noutras situações é a própria esposa [10:31-34][11:63,64] a vítima, o alvo frequente da intriga familiar ou amorosa. Quando as vítimas são crianças é a força que continua a sobrepor-se. Em todas estas situações o homem é rápido na decisão e pronto na execução. A mulher mata por motivos amorosos [18:115], para defender a honra do marido [18:117] ou devido a problemas do foro psiquiátrico (!?) chegando a matar o próprio filho [18:107,108]. A violência na mulher relaciona-se principalmente com a vingança.

De entre a bibliografia analisada, seleccionámos algumas estrofes irónico-satíricas nas quais é possível observar melhor as características, geralmente negativas, de um e outro sexo. São quadras que quando colocadas na boca dos homens escarnecem as mulheres e vice-versa. São poucas as quadras que maldizem directamente o homem e, mesmo estas, parecem ser pouco consistentes. Nestas o homem surge como preguiçoso, por não se querer levantar cedo da cama [18:28] e só pensar em casar-se, mesmo velho [17:156,157].

Pela facilidade em arranjar homem, as raparigas dizem que estes são baratos [12:269]. Por cuidarem pouco do seu aspecto externo, e terem o cabelo comprido,

as raparigas chamam-lhes borrego lanudo [18:24]. A única afirmação positiva acerca dos homens é manifestada também por homens. É o caso da atitude de um criado face ao patrão, motivada pelo simples facto de aquele lhe oferecer um copo de vinho no final de um dia de trabalho enquanto que a patroa o manda trabalhar mais [10:396].

A censura às mulheres resulta de múltiplas causas. Assim: para melhor seduzirem privilegiam o aspecto exterior. Deste modo usam meias sobre meias para fazer as pernas gordas [18:23], poupam na comida para terem dinheiro para se embelezarem [13:114], usam relógio mas não sabem ver as horas [18:23], são bonitas por fora mas podres no íntimo [7:156]; são falsas, desleais e mentirosas [8:46,47] [18:98][23:212]; são curiosas e linguarudas [14:250,251]; dão respostas pouco oportunas — dão couços — [7:156], em casa são o diabo [7:156], destroem tudo — a abrasar — [23:213] e são inúteis [23:214]; são ranhosas e metem nojo [18:23]; andam com o fogo no rabo. Só se querem casar [18:41]; manifestam superioridade em relação ao homem [8:47].

A terminar, chamamos a atenção dos leitores para as páginas 130-134 da *Memória Histórica da Notável Vila de Nisa* onde irá encontrar uma saborosíssima prosa, do século passado, acerca da mulher e do homem.

ASPECTOS COMUNS

Vamos referir seguidamente, de forma abreviada, um conjunto de características comuns às mulheres e aos homens do sul da Beira Interior.

São gente extrovertida, alegre, cantadeira, activa, foliona [4:195][18:

28,47,53], que não perdia a oportunidade de o demonstrar nas festas, nos bailes de domingo, ou durante e no final de uma árdua e longa tarefa.

O prazer para estas gentes era desfrutado de maneira dionisíaca, muito física.

São de uma etnocentricidade acentuada. A sua terra, com suas gentes, é sempre superior a qualquer outra [18:26][23:193]. Apesar disso, em questões de namoro há uma preferência por pessoas de outras comunidades/"da vila" [8:43].

Os adultos jovens, geralmente solteiros, são os dignos representantes da comunidade. E cada comunidade revê-se na sua juventude.

Embora seja um povo que mantém boas relações de amizade, e até de familiaridade, com gente de além fronteiras (Espanha) deseja a manutenção da sua identidade; não querem ser castelhanos. Este fenómeno é observável, principalmente, na temática dos contos populares da zona raiana, (nomeadamente nos concelhos de Castelo Branco e de Idanha-a-Nova) por comparação com a poesia da mesma área [7:34,40].

São profundamente religiosos e supersticiosos. Estas características podem ser exemplificadas em qualquer monografia etnográfica local. Os homens, em particular, são de um forte anti-clericalismo. Esta característica evidencia-se melhor nos contos populares do que na poesia.

São uma gente saudosista. A saudade está patente em quase toda a poesia de temática amorosa. São saudades da mulher amada, dos pais e da terra natal quando se está fora dela [8:37].

As pessoas desta região são na sua generalidade acolhedoras, mesmo para estranhos. Esta característica observa-se

melhor noutras formas da tradição oral que não a poesia. Este atributo está magistralmente exposto na seguinte quadra:

Nem mesmo à porta do céu
Se bate com maior fé
Deus responde:— Quem é ? Entre.
O beirão: — Entre quem é.

Esta gente tem uma grande capacidade de trabalho e de resistência à fadiga. Trabalham, mulheres e homens, durante uma vida inteira, até à exaustão, até à véspera da morte.

ALCOOLISMO

O sul da Beira Interior, como a Beira em geral, é uma área de elevado consumo de bebidas alcoólicas. O vinho e a aguardente predominavam sendo, também, as mais vulgarizadas e acessíveis. Quase toda a gente produzia vinho e ainda hoje isso acontece. Deste modo era natural que o álcool marcasse os hábitos alimentares desta gente.

Tanto o homem como a mulher bebiam e faziam beber os mais novos (fenómeno ainda hoje resquicial). Logo, era natural que esta realidade se reflectisse, em geral, na tradição oral e, em particular, na poesia popular.

Procurámos. Das oito quadras encontradas cinco referem-se ao sexo feminino, uma ao sexo masculino e duas são indiferenciadas.

Sabemos, ainda hoje, que o fenómeno de dependência alcoólica é mais tolerado na população masculina [3:125,126] por comparação com a feminina. Talvez por isso o fenómeno alcoólico estigme e seja mais referenciado no sexo feminino do que no

masculino. Embora, há alguns decénios atrás, a mulher surgisse em pé de igualdade com o homem no consumo de bebidas alcoólicas, em locais públicos, e este tipo de prática fosse aceite socialmente.

Na etnografia destacamos a existência de Santa Bebiãna⁴ que é a protectora e advogada das mulheres bêbedas.

O uso e abuso do álcool por parte das mulheres poderia estar ligado à

indiferenciação social dos sexos ou a uma possível tentativa de fuga de um quotidiano extremamente duro.

Na literatura popular oral não faltam textos sobre esta temática. Seleccionámos e chamamos a atenção para alguns [22:138-141] nos quais o homem é sempre o protagonista, até porque o alcoolismo feminino foi, e é, muito mais camuflado e de difícil reconhecimento.

OUTROS ASPECTOS RELATIVOS À MULHER E AO HOMEM

Elementos da flora e sua identificação com seres humanos

Nas quadras populares em que pudemos correlacionar seres humanos com elementos vegetais verificámos que trinta e dois casos caracterizam a mulher, três o homem e apenas um o elemento neutro. O homem é associado a uma única planta, o cravo [9:110][21:75]. No quotidiano o homem, principalmente se for adolescente ou adulto jovem, é considerado,

invariavelmente, como "um cravo". O cravo surge, assim, como sinónimo de rapaz, rapazote ou de bom rapaz.

Com a mulher passa-se algo bem diferente. As situações detectadas comparam a mulher jovem com inúmeras plantas, conforme se pode apreciar no quadro seguinte:

<i>Espécie Vegetal</i>	<i>Situação</i>				Total
	Casamento	Solteira	Casada	Inespecífica	
Rosa (4)	1	4	2	2	9
Rosa Botão [14:160, 161]	2				2
Rosa Encarnada [4: 194] [5:123]	1		1		2
Rosa Branca [23:193]	1				1
Folha de Rosa [23: 196]		1			1
Roseira [4: 201] [21:75]			2		2
Lírio Branco (raminho) [3: 158]	1				1
Salsa [21: 74]				1	1
Salsa Crua [3: 159] [17: 106, 147]	2		1		3
Laranjeira (raminho) [3:158]	1				1
Bergamota (raminho) [3: 159] [17: 147]	2				2
Palma Branca (raminho) [17: 106]			1		1
Oliveira (raminho) [5: 122] [14:161]	2				2
Flor (não especificada) [9: 110]	1			1	2
Poejo (raminho) [5: 122] [14: 161]	2				2
TOTAL	16	5	7	4	32

A rosa é o elemento vegetal dominante na identificação com a mulher.

A mulher costuma ser identificada com elementos da flora em circunstâncias especiais, como o casamento, ou em situações em que se está dependente da mulher para receber algo.

Do conjunto de elementos vegetais mencionados no quadro anterior, chama-se a atenção para as plantas de cheiro activo e agradável (rosa, poejo, bergamota, laranjeira, salsa) e para plantas de elevado valor simbólico (oliveira, rosa). Nas sociedades tradicionais, como esta ainda é, o olfacto tem uma grande importância e está, juntamente com o gosto, muito ligado à afectividade.

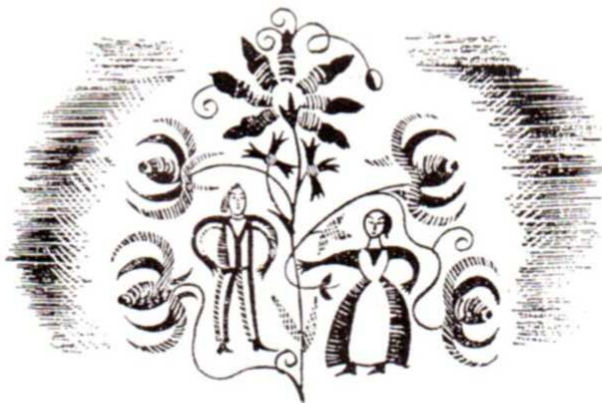
Assim, o cerne da dicotomia parece ser: rosa — cravo; rapariga — rapaz; mulher — homem.

Na simbologia popular a rosa representa o amor da mulher e a

feminilidade. O cravo, flor vivaz, resistente, erecta, é sinónimo de virilidade, de masculino, de amor do homem.

CORES E SUA IDENTIFICAÇÃO COM SERES HUMANOS

Na correlação dos sexos com as cores não é possível tecer considerações credíveis devido ao escasso número de estrofes onde esta relação está patente. Não deixamos, no entanto, de lembrar as muitas referências, existentes na poesia desta área, a objectos, frutos e a variado material de cor verde/azulado. Procurámos investigar quais as cores relacionadas com um ou outro sexo, mas não chegámos a conclusões gerais, para além da possível associação da cor verde / azulado à mulher [4:195].



QUADRO SÍNTESE

CARACTERÍSTICAS	DO HOMEM	DA MULHER
Físicas		
Cor da Pele		Morena, trigueira
Cabelo	Às ondas	Cabelo comprido
Olhos	Escuros	Escuros
Estatura	Baixa	Baixa
Aspecto exterior	Descuidado	Cuidado
Psico-sociais		
Relacionamento	Muito livre na relação com as raparigas	Muito livre na relação com os rapazes
Namoro	Podem fazê-lo com várias raparigas em simultâneo Preferência por raparigas que não tenham namorado anteriormente	Podem fazê-lo com vários rapazes em simultâneo Indiferença perante o facto do actual namorado ter amado outras raparigas
Assédio	Pouco activo	Activo
Honra	Exigem mulheres honradas	Pretendem ser honradas e ter conduta a condizer Defendem a honra até à morte
Gravidez pré-matrimonial	Culpado de engravidar a mulher	Inocente na situação de gravidez
Casamento	Chega a surgir como vítima	Desejo de retroceder à vida de solteira
Atitude após o casamento	Faz apologia da vida de solteiro	Faz apologia da vida de solteira
Queixas da situação de casado	Dificuldades de governar mulher e filhos Das exigências da esposa	Dificuldades económicas Falta de Liberdade Muitos choros
Violência	É violento, cruel, rápido	É violenta por vingança
Como vê o semelhante de sexo contrário	Maldiz a mulher Bendiz os do seu sexo e lamenta os casados	Atitude pouco crítica em relação ao homem
Religião	Religioso mas anticlerical	Religiosa
Flora associada	Cravo	Rosa
Álcool	Abuso	Abuso
Cor associada		Verde/azulado
<p>Atributos gerais comuns a ambos os sexos</p> <p>Acolhedor Saudosista Supersticiosos Etnocêntricos Extrovertidos</p>		

NOTAS

¹ A generalidade dos contos populares recolhidos e publicados nas monografias regionais possuem uma área de distribuição muito mais vasta que a área investigada, frequentemente nacional.

² HENRIQUES, p. 28, 37, 44, 45, 49, 52, 53, 87; FERREIRA, p.159; BUESCU, p. 199; DIAS, vol.2, p.36, 62 - 64; SALVADO, p.39.

³ Em 1994 os autores deste trabalho realizaram um outro denominado "Violência Física na Literatura Popular no Sul da Beira Interior", inédito.

⁴ "Em Tinalhas, no primeiro dia de Dezembro, véspera de Santa Bebiania, ao começo da noite, rapazes e homens munidos de chocalhos e campainhas, reúnem-se num dos largos da povoação a fim de organizarem o cortejo que há-de solenizar a data da Santa protectora e advogada das mulheres bêbadas.

Quando o número de adeptos é já grande, vão todos, entre ensurdecedor alarido de chocalhos, buscar o pregador, actualmente Joaquim Cainatre, que marcha à frente do cortejo e sobe, de onde em onde, a um balcão ou a uma

parede a fazer sermões em versos de pé quebrado.

.../...

Meus irmãos, é o dia da Santa
As mulheres, p'ra enganarem os homens
Não bebem o vinho pelo copo
Mas sim pela cântara.

As mulheres meus irmãos
Não têm coração
Para enganarem os homens
Bebem vinho pelo garrafão.

As mulheres meus irmãos
Nem isso lhes dá canseira
Para enganarem os homens
Bebem o vinho pela torneira."

.../...

DIAS, vol.3, 154 a 156.

Referências Bibliográficas

- [1] ANDRADE, Mário Marques de (1988), *Subsídios Para a Monografia de Segura*, p. 446, 2ª edição, Tomar.
- [2] BADINTER, Elisabeth, *Um o Outro*, p. 351, edição Relógio d'Água.
- [3] BELO, José Antunes (1985), *Benquerenças - no Espaço e no Tempo*, p. 172, edição do autor, Castelo Branco.
- [4] BUESCU, Maria Leonor Carvalho (1984), *Monsanto, Etnografia e Linguagem*, p. 326, Editorial Presença, Lisboa.
- [5] DIAS, Dr. Jaime Lopes (1944), *Etnografia da Beira*, I volume, p. 213, 2ª edição, Lisboa.
- [6] DIAS, Dr. Jaime Lopes (1964), *Etnografia da Beira*, II volume, p. 202, 2ª edição, Lisboa.
- [7] DIAS, Dr. Jaime Lopes (1955), *Etnografia da Beira*, III volume, p. 265, 2ª edição, Lisboa.
- [8] DIAS, Dr. Jaime Lopes (1971), *Etnografia da Beira*, IV volume, p. 244, 2ª edição, Lisboa.
- [9] DIAS, Dr. Jaime Lopes (1966), *Etnografia da Beira*, V volume, p. 312, 2ª edição, Lisboa.
- [10] DIAS, Dr. Jaime Lopes (1967), *Etnografia da Beira*, VI volume, p. 396, 2ª edição, Lisboa.
- [11] DIAS, Dr. Jaime Lopes (1948), *Etnografia da Beira*, VII volume, p. 280, Lisboa.
- [12] DIAS, Dr. Jaime Lopes (1953), *Etnografia da Beira*, VIII volume, p. 269, Lisboa.
- [13] DIAS, Dr. Jaime Lopes (1963), *Etnografia da Beira*, IX volume, p. 263, Lisboa.
- [14] DIAS, Dr. Jaime Lopes (1970), *Etnografia da Beira*, X volume, p. 291, Lisboa.
- [15] DIAS, Jorge (1985), *O Essencial Sobre os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.

- [16] FROMM, Erich and Michael Maccoby (1972), *Social Character in a Mexican Village, A Sociopsychanalytic Study*, Zahar Editores, Rio de Janeiro.
- [17] FERREIRA, Seomara da Veiga e Maria da Graça Amaral da Costa (1970), *Etnografia de Idanha-a-Velha (Egitânia)*, p.192, Junta Distrital de Castelo Branco.
- [18] HENRIQUES, Francisco e João Caninas (1991), *Poesia Popular dos Cortelhões e dos Plingacheiros*, p. 158, *Preservação*, 12, Vila Velha de Ródão.
- [19] LOURENÇO, Eduardo (1982), *O Labirinto da Saudade*, p. 201, Publicações D. Quixote, Lisboa.
- [20] MARTINS, Manuel Alfredo de Morais (1986), *Malpica do Tejo - Terra Pobre, Povo Nobre*, p.454, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa.
- [21] MATOS, Joaquim Pires de, com colaboração de José Valentim de Matos Prata (1983), *Juncal do Campo, Um Pouco da sua História*, p.166, Castelo Branco.
- [22] MOURA, José Diniz da Graça Motta e (1877), *Memória Histórica da Notável Vila de Nisa*, p. 178, Lisboa.
- [23] OLIVEIRA, Acácio C. (1987), *Sarzedas e o seu Termo, Aspectos Geográficos, Históricos e Etnográficos*, p. 399, Castelo Branco.
- [24] ROXO, António (1890), *Monographia de Castello Branco*, p. 240, Elvas.
- [25] SALVADO, António (1985), *A Poesia Popular da Beira Baixa, Adufe*, 2, p.25-40, Castelo Branco.
- [26] TORGA, Miguel (1986), *Portugal*, p.141, 5ª edição, Coimbra.



Câmara
Municipal
de Marvão

ISSN 0872 - 1017